

## À sombra das crônicas imortais: futebol, literatura e filosofia

In the Shadow of the Immortal Chronicles: Football, Literature and Philosophy

**Bernardo Sansevero**

Colégio Pedro II, Rio de Janeiro/RJ, Brasil  
Doutor em Filosofia, PUC-Rio

**RESUMO:** Meu objetivo neste artigo é trazer as crônicas de Nelson Rodrigues sobre futebol para um lugar de destaque com a defesa de sua “imortalidade”, contrariando uma visão comum que as enxerga como um mero apêndice da consagrada obra rodrigueana. Faço isto com base na estética de Kant, para quem o belo é algo que dá muito a pensar, sempre suscitando novas reflexões, uma vez que nenhuma explicação consegue abarcar por completo a forma bela e a rica matéria da obra de arte. Defendo o caráter “imortal” da crônica esportiva de Nelson Rodrigues em duas etapas: primeiro mostro que a forma de escrita presente em toda a obra rodrigueana (sua crônica não-esportiva, os romances e teatro) atravessa também seus textos sobre futebol, fazendo com que possuam, além de uma matéria específica (o futebol), uma forma estética que por si só gera um encantamento com a obra; e na segunda etapa (2) defendo que o assunto de suas crônicas esportivas, o futebol, traz consigo uma rica matéria estética, uma vez que este passa a ser entendido a partir de seu traço fundamental, sua inexplicabilidade, decisiva para a sustentação do caráter “imortal” da crônica esportiva de Nelson Rodrigues.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nelson Rodrigues; Kant; Estética; Futebol.

**ABSTRACT:** My purpose in this article is to bring for a place of proeminence Nelson Rodrigues' chronicles about football, with the defense of their “immortality” contrary to a common view that sees them (as crônicas) as mere appendix of the rodriguean renowned work. I do this based on Kant's aesthetics, for whom beauty is something that gives much to think about, always provoking new reflections, since no explanation can fully comprehend the beautiful form and the rich material of the work of art. In two stages I defend the “immortal” character of Nelson Rodrigues' sports chronicle: first I show that the form of writing present in all his work (his non-sports chronicle, the novels and the theater) also runs through his texts about football, making them have, besides a specific subject matter (football) an aesthetic form, that by itself generates enchantment with the work; and in the second stage (2), I state that the subject of his sports chronicles, football, brings with it a rich aesthetic material, since it comes to be understood from its fundamental trait, its inexplicability, decisive for sustaining the immortal character of Nelson Rodrigues' chronicle about football.

**KEYWORDS:** Nelson Rodrigues; Kant; Aesthetics; Football.

INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Diante de cada jogada de Garrincha, eu experimentava a alegria que as obras-primas despertam.

Nelson Rodrigues.

As crônicas de Nelson Rodrigues sobre futebol foram escritas nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Várias compilações já saíram em forma de livro: *A pátria em chuteiras, Fla-Flu... e as multidões despertaram, O berro impresso das manchetes, O profeta tricolor, O Brasil em campo* e, talvez o mais famoso deles, *À sombra das chuteiras imortais*. A quantidade de coletâneas existentes, por si só, já é um indício do aspecto “imortal” das crônicas esportivas rodrigueanas. Soma-se a isso os inúmeros trabalhos acadêmicos que se debruçaram e ainda se debruçam sobre essa parte da obra rodrigueana e, como se não bastasse, expressões presentes na sua obra se alastraram pelo jornalismo esportivo, impresso e televisivo, junto com sua forma de enxergar o futebol. A famosa chamada de Galvão Bueno, “Bem amigos...”, que depois virou título de um programa sobre futebol, tem clara inspiração no texto rodrigueano.<sup>2</sup> A caracterização que Nelson Rodrigues faz do videotape como burro, aliada à clássica depreciação dos “idiotas da objetividade”, ainda permeia as discussões de hoje sobre o futebol e até mesmo de assuntos que o extrapolam. São muitos os indícios que apontam para a “imortalidade” de sua crônica esportiva e este artigo é, basicamente, uma forma de destacar e entender o caráter “imortal” desses textos. Assim como o autor defendeu as chuteiras imortais de nossos craques, pretendo defender a “imortalidade” de sua crônica esportiva.

Seria mais simples fazer esta defesa caso o foco do artigo fosse sua obra teatral, uma vez que essa já está no cânone do teatro no Brasil. Muitos atribuem a Nelson Rodrigues o status de fundador do teatro moderno brasileiro.<sup>3</sup> Suas peças

<sup>1</sup> Agradeço ao Colégio Pedro II, que me concedeu um afastamento para estudos, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ e ao supervisor Flávio Carneiro, que me receberam para um Estágio de Pós-Doutorado, permitindo o aprofundamento de minha pesquisa sobre a relação entre futebol, literatura e filosofia.

<sup>2</sup> Cf. SOUZA. Epifanias rodrigueanas para sempre na estante, p. 538.

<sup>3</sup> RISSARDO. *Nelson Rodrigues e a hipérbole do banal*, p. 15.

continuam sendo encenadas e reinterpretadas. Depois de seu teatro, em termos de importância concedida, vem os romances rodrigueanos e, por último, suas crônicas. Mesmo quando as crônicas são o foco do estudo, as que versam sobre futebol parecem ocupar um lugar secundário. Luís Augusto Fischer, que se debruça com afinco no aspecto cronista do autor, diz o seguinte em seu livro *Inteligência com dor*:

O caso, então, é estudar o Nelson Rodrigues cronista, mais especificamente o das Confissões, título geral que engloba cinco livros: *O óbvio ululante*; *A cabra vadia*; *O reacionário*; a nova ontologia organizada por Ruy Castro e não editada em volume pelo autor, *O remador de Ben-Hur*; e as *Memórias de A menina sem estrela*. Em plano secundário, entram as crônicas de futebol *À sombra das chuteiras imortais* e *A pátria em chuteiras*, além das frases escolhidas também por Ruy Castro e ditadas no volume *Flor de obsessão*.<sup>4</sup>

Contrariando uma visão comum que enxerga as crônicas de Nelson Rodrigues sobre futebol como um mero apêndice de sua consagrada obra, pretendo trazer as crônicas rodrigueanas sobre futebol para um lugar de destaque através da defesa da sua “imortalidade”.

Mas não se trata da primeira tentativa desse tipo. Daisi Vogel, em seu livro *Fábulas do gol: as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues*, coloca a mesma pergunta-chave: “Histórias de futebol com partidas disputadas há 40 anos: o que há de sedutor na pilha com 156 crônicas *passadas*?”<sup>5</sup> Ou ainda: “Quais sentidos emergem das narrativas à revelia do tempo, mantendo ativa a empatia com o texto?”<sup>6</sup> Da mesma forma que o futebol brasileiro se apropriou da criação inglesa, desenvolvendo um estilo de jogo próprio a partir das regras e diretrizes oriundas da Inglaterra, Vogel se apropriou do arcabouço teórico de Mikhail Bakhtin para criar uma leitura peculiar das crônicas esportivas rodrigueanas. Ela explora profundamente seu cronotopos, isto é, o tempo (cronos) e o lugar (topos) destas crônicas. Não tanto no sentido de fazer um contexto histórico de seu surgimento, mas sobretudo na descrição do ritmo e recursos temporais da escrita de Nelson Rodrigues, da investigação dos lugares que a crônica habita: “a figura tempo-espacial do jogo-estádio opera como um fio central, desencadeador das narrativas, e como cronotopo

<sup>4</sup> FISCHER. *Inteligência com dor: Nelson Rodrigues ensaísta*, p. 9.

<sup>5</sup> VOGEL. *Fábulas do gol: as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues*, p. 39.

<sup>6</sup> VOGEL. *Fábulas do gol*, p. 39.

dominante...”.<sup>7</sup> Passando por diversos aspectos da abordagem rodrigueana do futebol, Daise Vogel mostra como “... sua narrativa supera o imediatismo jornalístico e ingressa no plano de uma temporalidade maior, indubitavelmente artística”.<sup>8</sup>

Assim como Vogel, pretendo me apropriar de uma teoria estética consagrada para defender a imortalidade da crônica esportiva de Nelson Rodrigues. Mas ao invés de focar nos conceitos de tempo e espaço, tal como interpretados por Bakhtin, pretendo desenvolver a investigação através das noções de matéria e forma, investigadas por Immanuel Kant em sua *Crítica da faculdade do juízo*, especialmente quando fala da arte bela.<sup>9</sup> Um produto da arte bela, diz Kant, é uma obra com espírito, uma criação dotada de algo que “... dá muito a pensar, sem que contudo qualquer pensamento determinado possa ser-lhe adequado”.<sup>10</sup> O sentido de “imortalidade” em jogo aqui está apoiado neste ponto da estética kantiana: uma obra de arte sobrevive ao seu tempo por ter uma forma bela e, sobretudo, uma rica matéria estética, não podendo ser capturada, nem enclausurada por uma teoria ou interpretação específica, fazendo com que continue suscitando interpretações, debates e encantamentos. A vantagem de usar o arcabouço teórico da estética de Kant é que, para ele, embora a forma da obra bela seja importante, é sua matéria estética que a torna incapturável. Assim, a crônica esportiva de Nelson Rodrigues pode ser examinada na sua mais profunda peculiaridade. Muito embora a forma da escrita rodrigueana que atravessa toda sua obra tenha um papel importante na “imortalidade” de sua crônica esportiva, é a matéria estética destas crônicas, o futebol, que proporciona uma inexplicabilidade fundamental, garantindo assim seu caráter “imortal” de uma maneira bem específica e original. Trazer estas crônicas rodrigueanas para um lugar de destaque através da proposta estética de Kant envolve, necessariamente, um esforço para destacar a importância do próprio futebol no potencial estético da obra de Nelson Rodrigues.

---

<sup>7</sup> VOGEL. *Fábulas do gol*, p. 65.

<sup>8</sup> VOGEL. *Fábulas do gol*, p. 85.

<sup>9</sup> A possibilidade de relacionar o futebol com a estética kantiana foi-me apresentada por Pedro Duarte, em seu artigo “O futebol como experiência estética”.

<sup>10</sup> KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 159.

## APONTAMENTOS SOBRE A ESTÉTICA KANTIANA

O projeto filosófico de Immanuel Kant tem como grande marco inicial sua *Crítica da razão pura*, cujo prefácio da segunda edição esclarece sua pretensão de promover uma revolução copernicana na filosofia.<sup>11</sup> Assim como Copérnico deslocou o centro do sistema solar da Terra para o Sol, Kant quer deslocar a atenção que sempre se deu às coisas para a forma como nós conhecemos as coisas. Em linhas gerais, a filosofia deve largar sua ambição de conhecer o mundo, as coisas em si mesmas, e voltar a atenção para a forma que essas coisas se apresentam para nós, enquanto sujeitos que conhecem o mundo de uma determinada maneira, de acordo com certas estruturas. Sua ideia é entender e destrinchar o mecanismo por trás da forma que conhecemos o mundo, inclusive para distinguir aquilo que é possível de ser conhecido daquele conhecimento que está fora de nosso alcance.

Por conta da proposta desta revolução copernicana na filosofia, a abordagem de Kant sobre a arte, presente principalmente na *Crítica da faculdade do juízo*,<sup>12</sup> concentra-se na forma que apreendemos a beleza de alguma coisa. Sendo mais preciso, nem se trataria tanto de apreender, mas de contemplar a beleza. Para Kant, quando dizemos ou pensamos “Isto é belo”, diante da beleza da natureza (uma paisagem, por exemplo) ou de uma obra de arte, algo muito peculiar está acontecendo conosco. Não se trata nem de um conhecimento sobre algo, nem de um sentimento de prazer momentâneo. Tampouco de uma avaliação moral da ação de alguém. Quando contemplamos a beleza de algo nos relacionamos com ela de uma forma parecida com o conhecimento das coisas, mas sem que conhecimento algum seja alcançado. Para Kant, nossa faculdade do entendimento, que lida com o universal, e nossa faculdade da imaginação, que lida com o particular, entram em um livre jogo<sup>13</sup> quando estamos diante de algo belo, gerando um prazer muito peculiar: um “sentimento de vida”,<sup>14</sup> nas palavras do filósofo.

<sup>11</sup> Cf. KANT. *Crítica da razão pura*, B XVII.

<sup>12</sup> A discussão sobre o belo aparece na primeira parte da terceira crítica kantiana, denominada “Crítica da faculdade de juízo estética”.

<sup>13</sup> Para um maior aprofundamento na questão do jogo entre entendimento e imaginação no juízo de gosto, ver o artigo “A imaginação na crítica kantiana dos juízos estéticos”, de Hélió Lopes.

<sup>14</sup> KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 48.

Talvez por se tratar de um tipo de juízo muito diferente, o juízo do belo faz Kant rever até mesmo os limites de sua revolução copernicana. A maior parte de sua investigação sobre o belo ainda foca na maneira como nós vemos e afirmamos a beleza de algo. Isso, obviamente, seguindo os princípios de sua revolução: deixar de investigar as coisas mesmas para investigar a estrutura a partir da qual estas coisas aparecem para o sujeito que as conhece. Mas a certa altura da obra, Kant enxerga a necessidade de falar da arte, da arte bela. Sua investigação se volta para o objeto criado pelo artista para responder à seguinte pergunta: o que este objeto criado por alguém possui de diferente dos outros objetos? Se este é capaz de nos despertar um “sentimento de vida”, um prazer estético, deve ter algo peculiar, que o distingue dos outros objetos produzidos pelo ser humano. Para Kant, este objeto possui uma forma bela e uma matéria rica,<sup>15</sup> tão rica que não é capturada completamente por nenhum conceito ou interpretação específica, gerando diversas interpretações distintas, quicá inesgotáveis. É por isso que a obra de arte “... dá muito a pensar, sem contudo qualquer pensamento determinado possa ser-lhe adequado...”.<sup>16</sup> A obra se perpetua, torna-se “imortal”, por seguir provocando um “sentimento de vida” nas pessoas.

É verdade que Kant encontra uma saída para não abrir mão totalmente de sua revolução copernicana.<sup>17</sup> Na parte em que investiga a arte bela, o filósofo tenta decifrar aquilo que acontece com o artista na confecção desta obra, provocadora de reflexões. Ou seja, tenta encontrar a estrutura, por trás do sujeito, que está em ação quando uma obra bela é produzida. Mais precisamente, tenta descrever como o artista dá forma à uma rica matéria na produção de uma obra de arte.

A forma, diz Kant, o artista aprende com os exemplos de seus antecessores. Pela apreciação da natureza e das obras de arte que o antecederam, o artista exercita e aprimora seu gosto, tornando-se capaz, aos poucos, de encontrar uma maneira de dar forma à sua criação: “a elaboração da mesma e a forma requer um talento moldado pela escola...”.<sup>18</sup> Por escola, entende-se o estudo e contato com a obra de artistas que o antecederam. No entanto, a escola não é suficiente para criar uma obra

<sup>15</sup> KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 156.

<sup>16</sup> KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 159.

<sup>17</sup> Para maiores detalhes sobre a dificuldade que Kant encontra ao tratar da arte bela, ver meu artigo “Kant e a figura do gênio: arte e natureza”, publicado na revista *Kínesis*.

<sup>18</sup> KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 156.

com espírito, dotada de uma rica matéria. A matéria de um produto da arte bela vem da capacidade do artista criar uma ideia estética na sua obra. Para Kant, a ideia estética significa exatamente o oposto de uma ideia da razão. Enquanto esta última é basicamente uma ideia que não tem um correspondente no mundo sensível,<sup>19</sup> a primeira é uma ideia tão rica, fornecida pela faculdade da imaginação, que não pode ser capturada por nenhum conceito fornecido pela faculdade do entendimento, isto é, uma ideia impossível de ser capturada por uma explicação cabal. No fundo, é a ideia estética que garante a originalidade e “imortalidade” da obra. É ela que faz o artista ir além das regras fornecidas pelas escolas, importantes para moldar a forma da obra de arte, mas insuficientes para criar algo que “dá muito a pensar”. As crônicas esportivas de Nelson Rodrigues sobre futebol, quero defender aqui, possuem uma forma bela, moldada por algumas escolas, mas sobretudo uma rica matéria. Para mostrar isso, analisarei o estilo rodrigueano de escrita, a saber, a forma destes textos e, posteriormente, farei a análise da temática central das crônicas, o futebol. Tomando-o como lugar privilegiado para se extrair ideias estéticas, propiciador de acontecimentos inefáveis, o futebol será investigado nesta parte final em seu traço mais marcante, seu caráter inexplicável, e, neste sentido, como um terreno fértil para se extrair o que Kant chama de ideias estéticas.

#### **A FORMA DA ESCRITA RODRIGUEANA**

As análises sobre o estilo da escrita de Nelson Rodrigues são muitas e variadas, dada a diversidade de seus textos: romances, teatro, crônicas, roteiros de minisséries e telenovelas. Vou me deter aqui em duas análises de sua obra. Uma delas, feita por Agnes Rissardo, tem a pretensão de abarcar o todo da obra de rodrigueana, apostando em um traço fundamental que atravessa seus escritos. A outra, feita por Luís Augusto Fischer, concentra-se na crônica de Nelson, com o objetivo de destacar a originalidade de sua escrita. As duas abordagens, cada uma a seu modo, enxergam na forma da escrita rodrigueana aspectos que me interessam para a aproximação com a estética de Immanuel Kant.

---

<sup>19</sup> Cf. CAYGILL. *Dicionário Kant*, p. 178.

Para Agnes Rissardo, o que caracteriza a escrita de Nelson Rodrigues como um todo é uma poética do excesso. Suas personagens vivem paixões avassaladoras, passam por situações trágicas, mortes violentas. Seu estilo destaca e enfatiza estes acontecimentos de excesso, de extrapolação:

Legítimo herdeiro da tradição de excessos na literatura, Nelson Rodrigues (1912-1980) merece destaque entre os autores brasileiros que melhor souberam trabalhar a desmedida na ficção. A dimensão dionisíaca pode ser facilmente observada no conjunto da obra rodrigueana, que engloba a copiosa criação de textos jornalísticos, peças teatrais, romances, contos, crônicas esportivas, memórias e até correio sentimental.<sup>20</sup>

A poética do excesso tem uma longa tradição, com raízes na tragédia grega e desdobramentos diversos ao longo dos séculos. Um deles é a ênfase na dimensão dionisíaca das coisas, destacado por Nietzsche em *O nascimento da tragédia* como uma das forças que compõem a tragédia grega. Esta dimensão, mencionada por Rissardo no trecho em destaque, aparece no texto rodrigueano até mesmo em referências diretas. Descrevendo a situação do ator Sérgio Brito num jogo do Fluminense, Nelson Rodrigues capta e relata a situação extrema na qual o ator se encontrava: "No Mário Filho, ele se incorporou à multidão e se tornou também multidão. Mas a multidão pó-de-arroz gritava e Sérgio Brito não conseguia gritar. E começa o jogo. O ator está em tensão dionisíaca, mas sem voz".<sup>21</sup> A tensão dionisíaca que atravessava o ator nas arquibancadas do Maracanã também atravessa, segundo Rissardo, a escrita de Nelson Rodrigues como um todo.

Esta tensão está por trás de sua predileção pelos acontecimentos de excesso, de desmedida. Nos textos sobre futebol sobram exemplos: o mal caráter do juiz, um tapa na cara que mudou o rumo do jogo, a atuação exuberante de um craque ou o suicídio de um ex-jogador. Tudo aquilo que cruza o limite do aceitável, do normal, entra na abordagem rodrigueana. Sua crônica sobre Maneco, um ex-jogador que se suicidou por conta de uma dívida, começa assim:

Cada um de nós é um suicida frustrado. E se ainda não estouramos os miolos, ou não pendemos de uma forca, não tomamos formicida, é que nos salva, sempre, em cima da hora, a nossa incoercível pusilanimidade vital. Mas, se cancelamos o nosso suicídio, admiramos e, mais do que isso,

<sup>20</sup> RISSARDO. *Nelson Rodrigues e a hipérbole do banal*, p. 13.

<sup>21</sup> RODRIGUES. *O profeta tricolor*, p. 203.



invejamos o alheio. O sujeito que se mata dá-nos a impressão de que se apropriou, indebitamente, de um ato, de um impulso, de um desespero, que deviam ser nossos.<sup>22</sup>

Maneco não aparece na crônica pelo jogo mediano que fez. Por sua objetividade em campo ou mesmo por um gol importante. Ele se torna personagem central da crônica rodrigueana pelo seu suicídio. E isso não quer dizer que o jogo tenha ficado de lado. O anonimato repentino que um jogador de futebol pode sofrer, diz Nelson, é o maior anonimato possível: “houve um momento que aparecia todos os dias, no berro gráfico das manchetes”; “por fim, quando se falava nele, já faziam confusão: ‘– Maneca, do Vasco?’”.<sup>23</sup> Isso, somado à uma dívida irrisória, encaminhou o suicídio de Maneco. O tema da crônica é, no fundo, a condição trágica do jogador de futebol, suas desmedidas, seus exageros, carências e extrapolações. Ou melhor, o tema da crônica é sobretudo a nossa condição trágica de suicidas frustrados. E a forma que Nelson desenvolve sua abordagem não é sutil, comedida ou gradativa. A primeira frase da crônica já acusa o leitor, e a si mesmo, de ser um suicida frustrado: na sua forma de escrita não há qualquer pudor de ser excessivo, desmedido ou exagerado.

Nelson Rodrigues é um herdeiro claro da tragédia grega, que tinha a *hybris* (excesso, descomedimento) como centro das narrativas.<sup>24</sup> Isso combinado com um elemento muito improvável: a estética dos folhetins, uma escrita melodramática publicada capítulo por capítulo nos jornais, precursora da radio novela e, posteriormente, da telenovela. A escrita rodrigueana junta uma tradição erudita e clássica, como a da tragédia grega, com o que havia de mais moderno e popular, a técnica folhetinesca e melodramática. Nas palavras de Rissardo:

Nesse sentido, pode-se afirmar que a técnica folhetinesca e melodramática, provenientes da cultura popular europeia, bem como o aspecto trágico, tido como erudito, seriam brasileiroamente “devorados” e incorporados por Nelson Rodrigues, que, em sua obra ficcional, consegue atualizar tais elementos estrangeiros de uma forma bem peculiar. A expressão máxima de sua brasilidade estaria, pois, justamente em suas obras que apresentam mais traços populares: os contos, os romances e as peças intituladas “tragédias cariocas” que, à maneira das Bachianas brasileiras de Villa-Lobos, alcançam a própria

<sup>22</sup> RODRIGUES. *O berro impresso das manchetes*, p. 89.

<sup>23</sup> RODRIGUES. *O berro impresso das manchetes*, p. 90

<sup>24</sup> RISSARDO. *Nelson Rodrigues e a hipérbole do banal*, p. 15.

síntese da noção de brasilidade ao casarem o universal (tragédia) com o particular (carioca).<sup>25</sup>

A produção artística de Nelson Rodrigues é a conjugação do erudito com o popular, do clássico com o moderno, de Shakespeare com a estética do folhetim, Portanto, sua forma de escrita absorve e combina tradições estéticas muito distintas, sob a forma da poética do excesso, nesta visão de Agnes Rissardo.

Luís Augusto Fischer, por sua vez, enxerga em Nelson Rodrigues o Montaigne brasileiro. Sua leitura é que o autor, mais que um cronista, é um dos grandes ensaístas brasileiros:

O importante mesmo é reconhecer, diante da obra maiúscula de Nelson, um patamar novo do ensaio no Brasil (e fora daqui, quando ele for traduzido), trabalho de um escritor de absoluto primeiro plano nas letras de língua portuguesa, ao lado dos maiores. Sim, seu ensaio, lido hoje, parece mesmo um depoimento de outra época: olhamos para as referências do tempo em que escrevia e notamos uma quase ingenuidade em muitas coisas; mas sua permanência está assegurada por sua agudeza, por sua densidade, por sua coragem, por sua maestria no trato com a linguagem.<sup>26</sup>

Enquanto Agnes Rissardo enxerga a originalidade da obra rodrigueana na conjugação de tradições distintas, da tragédia grega ao folhetim, Luís Augusto Fischer justifica a “imortalidade” dos escritos de Nelson Rodrigues na sua escrita aguda, densa e corajosa, ancorada e continuadora da tradição do ensaio.

Não é difícil encontrar um trecho no qual as tradições estéticas mencionadas por Fischer e Rissardo aparecem. Por exemplo, na crônica sobre Otaviano, um jogador das peladas cariocas:

O mal do futebol menor é que não tem imprensa, não tem manchete. Por exemplo: - o caso de Otaviano teve tudo, menos um repórter, ou melhor dizendo, um Shakespeare que lhe desse títulos, subtítulos, legendas. Perguntarão vocês: ☒ “Mas que diabos fez esse Otaviano, que obras, que atos sublimes ou torpes perpetrou o nosso homem.” Como já morreu, talvez lhe assentasse bem o seguinte epitáfio: “Não foi torpe, nem sublime.” Ou por outra: ☒ já quero crer que talvez tenha sido torpe. Ou sublime, quem sabe? Vamos à história.

Explico, antes que me esqueça, que tudo o que estou contando se passou na minha adolescência. Otaviano jogava num clube de peladas. Mas quando há talento, não importa o clube pequeno, grande, tudo dá na

<sup>25</sup> RISSARDO. *Nelson Rodrigues e a hipérbole do banal*, p. 156.

<sup>26</sup> FISCHER. *Inteligência com dor*, p. 322.

mesma. Aos 16 anos, todo mundo o achava um assombro. Dera um treino no Fluminense e o pessoal, lá, ficou de queixo caído. Realmente, era tão bom de bola que esta, ao vê-lo entrar em campo, vinha lambe suas botas. Parecia certo que ia jogar no primeiro time do Fluminense.

Não vou prosseguir, porém, sem contar uma singularidade do Otaviano: - o medo da morte. Dirão os idiotas da objetividade que medo da morte não é privilégio de nenhum Otaviano; e que todos nós o temos. Não, assim como o Otaviano não era normal.<sup>27</sup>

Esta crônica, publicada no jornal *O Globo*, no dia 3 de Maio de 1975, é da fase final de Nelson Rodrigues. Ele, um escritor consagrado, decide falar de Otaviano, um jogador das peladas do subúrbio carioca que nenhum de seus leitores talvez tivesse conhecimento. É possível ver aqui a mescla entre o clássico, o memorável, o grande acontecimento e o cotidiano mais banal, os jogos de pelada que quase todo mundo vai esquecer. O “futebol menor”, diz Nelson, carece de um Shakespeare para encontrar e descrever os grandes atos, os acontecimentos de excesso. Neste caso, o excesso aparece na forma do talento absurdo de Otaviano. Mas também no seu medo da morte fora do comum. O mote do texto é o destino de um grande craque que ninguém chegou a ver plenamente desenvolvido, que acabou seguindo a carreira de barbeiro de necrotério, como forma de se martirizar por ter batido no pai. Os temas do destino, morte, talento, relação com o pai, caros à tragédia grega, por exemplo, aparecem junto com elementos do “futebol menor”, com aquilo que ninguém considera digno de consideração, de escrever sobre, de “imortalizar”.

Também aparece neste trecho uma das expressões mais marcantes de sua obra, a conhecida menção aos “idiotas da objetividade”. São aqueles que não enxergam a peculiaridade do medo da morte de Otaviano, aqueles que não enxergam o “óbvio ululante”,<sup>28</sup> tampouco a grandiosidade do “futebol menor”. Para Luís Augusto Fischer, a agudeza de espírito do texto rodrigueano tem a capacidade de “... partir de uma banalidade qualquer e de, por caminhos peculiares, chegar a abismos inimagináveis”.<sup>29</sup> Com o objetivo de defender a ideia de um Nelson Rodrigues ensaísta, ele destaca esta habilidade do autor, que consegue partir de um ponto inexpressivo para alcançar as mais profundas reflexões.

<sup>27</sup> RODRIGUES. *O Brasil em campo*, p. 89.

<sup>28</sup> Outra expressão marcante presente nas obras rodrigueanas que inclusive intitula um de seus livros.

<sup>29</sup> FISCHER. *Inteligência com dor*, p. 164

Tanto na abordagem de Agnes Rissardo quanto na de Luís Augusto Fischer sobre a obra de Nelson Rodrigues aparece o encontro de opostos, do clássico com o moderno, do trivial com o profundo, de Shakespeare com Otaviano. Mesmo que um deles destaque a poética do excesso como traço predominante e o outro defenda o caráter ensaístico do texto rodrigueano, é possível dizer que ambos exaltam o jogo de opostos na forma de escrita de Nelson. Aparece aqui o ponto de encontro com a estética kantiana, que caracteriza o belo como um livre jogo entre entendimento (universal) e imaginação (particular), cujo resultado é um sentimento de vida, um encantamento experienciado por quem contempla a beleza de algo. A forma de escrita de Nelson Rodrigues, portanto, guarda em si um jogo de opostos e parece ter a capacidade de despertar o sentimento de vida quando lido, inclusive as suas crônicas esportivas sobre futebol. A “imortalidade” destes textos se deve, em parte, ao estilo da escrita rodrigueana, capaz de suscitar diversas interpretações sem que nenhuma delas a esgote, por abrigar um jogo entre tradições estéticas opostas e um caráter de oscilação entre o profundo e o raso.

Em uma de suas reflexões sobre este tema, Fischer cita Eduardo Grüner para defender sua hipótese de um Nelson Rodrigues ensaísta: “Ao contrário do que faz a ciência positiva ou o austero tratado filosófico, o ensaio (...) não parte das certezas e das categorias totalizadoras, mas do erro e do detalhe, para transformar o objeto no próprio processo de sua construção”.<sup>30</sup> Mais uma vez: no juízo kantiano do belo, não se parte de conceitos dados para encontrar um particular. Nesse caso, tratar-se-ia de um juízo de conhecimento, em que o particular é enquadrado no universal. O processo é o contrário, parte-se de um particular para encontrar um universal que, no caso, nunca é encontrado plenamente, dando início ao livre jogo entre entendimento e imaginação, que propicia o prazer e o sentimento de vida caro à contemplação da beleza, de acordo com a estética kantiana.

É preciso destacar que, para Kant, embora o estudo e contato com as obras passadas seja extremamente importante para o artista, isso é insuficiente para a criação de uma obra com “espírito”, que “dá muito a pensar”. Não por acaso, ele diz que o artista encontra a forma para a sua obra “depois de muitas tentativas

---

<sup>30</sup> Conf.: FISCHER. *Inteligência com dor*, p. 175.

frequentemente laboriosas”.<sup>31</sup> Ainda que o contato com as obras passadas ajude na elaboração da forma, a relação que o artista tem com seus antecessores não está baseada naquilo que foi feito, mas no impulso criador que levou aquela obra a ser criada. Nas palavras do filósofo:

Não há absolutamente nenhum uso de nossas forças, por livre que ele possa ser, e mesmo da razão (...) que não incidiria em falsas tentativas se cada sujeito sempre devesse começar totalmente da disposição bruta de sua índole, se outros não tivessem precedido com suas tentativas, não para fazer de seus sucessores simples imitadores, mas para pôr outros a caminho pelo seu procedimento, a fim de procurarem em si os princípios e assim tomarem o seu caminho próprio e frequentemente melhor”.<sup>32</sup>

Dessa forma, colocando-se em seu caminho próprio através dos exemplos da arte bela, o artista inaugura uma forma própria de proceder, de criar. E isto só é possível, diz Kant, quando a obra de arte tem uma matéria rica, que “obriga” o artista a inaugurar essa forma peculiar de proceder, que não se deixa enquadrar por nenhuma regra já pré-estabelecida, por nenhuma escola estética consagrada. Caso o artista tenha definido a regra e os métodos antes da concepção da obra, para Kant, não se trataria de arte bela, mas de arte mecânica. Esta obra não geraria um sentimento de vida no espectador, não despertaria o livre jogo entre o entendimento e a imaginação, mas uma sensação de contemplar um produto bem feito, bem executado. A rica matéria da obra é fundamental para que os artistas encontrem seu caminho próprio na produção daquela obra, criando assim sua própria forma de manter vivo seus antecessores, de continuar uma tradição estética, sem repeti-la mecanicamente, mas repetindo-a artisticamente ou, nas palavras de Kant: “a fim de procurarem em si os princípios e assim tomarem o seu caminho próprio e frequentemente melhor”.<sup>33</sup>

Neste sentido, mesmo que seja possível apontar para a “imortalidade” da crônica esportiva de Nelson Rodrigues dando ênfase na sua forma de escrita, numa poética do excesso ou no seu caráter ensaístico, seria um erro, do ponto de vista da estética kantiana, parar por aqui e desconsiderar a rica matéria destas crônicas. Para que uma obra desperte um sentimento de vida, oriundo do livre jogo entre entendimento e imaginação, é preciso ter uma bela forma e uma matéria rica. É a

<sup>31</sup> KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 162.

<sup>32</sup> KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 129.

<sup>33</sup> KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 129.

riqueza da matéria que auxilia na elaboração da forma bela. Assim, a defesa da “imortalidade” da crônica esportiva de Nelson Rodrigues ganha sustentação principalmente com a análise de sua rica matéria estética, o futebol, enquanto um terreno fértil para se extrair ideias estéticas, no sentido kantiano.

### A MATÉRIA DAS CRÔNICAS “IMORTAIS”

Há muitas maneiras de abordar o futebol. O torcedor do Liverpool e filósofo Simon Critchley abre seu livro *What we think about when we think about football* com uma reflexão sobre o caráter multifacetário do jogo:

No que a gente pensa quando pensa sobre futebol? O futebol é sobre inúmeras coisas, muito complexas, contraditórias e conflitantes: memória, história, lugar, classe social, gênero, em todas as suas variações problemáticas (especialmente masculinidade, mas cada vez mais feminilidade), identidade familiar, identidade tribal, identidade nacional, a natureza dos grupos, tanto dos jogadores quanto dos torcedores e a relação quase sempre violenta, mas às vezes pacífica e contemplativa, entre nossos grupos e os dos outros.<sup>34</sup>

Para Critchley, o futebol é atravessado por questões de diversas áreas, podendo ser analisado sob uma perspectiva sociológica, estética, metafísica, científica, política e outras mais. Com o propósito de entender a “imortalidade” das crônicas esportivas de Nelson Rodrigues através da estética kantiana, o futebol será discutido aqui a partir de um de seus traços fundamentais: sua inexplicabilidade. Primeiro, focando no interesse do autor pelo inexplicável e, depois, defendendo que o próprio futebol guarda um potencial estético ímpar, justamente por conta deste seu traço fundamental.

O fascínio pelo inexplicável no futebol aparece no texto de Nelson Rodrigues de diversas formas. Em uma das crônicas para a revista *Manchete Esportiva*, publicada no dia 3 de Março de 1956, ele diz:

[...] só acredito em milagre. A meu ver o fato normal, o fato lógico, o fato indiscutível merece apenas a nossa repulsa e o nosso descrédito. É preciso captar ou, melhor, extrair de cada acontecimento o que há, nele,

---

<sup>34</sup> CRITCHLEY. *What we think about when we think about football*, p. 8. Tradução minha.

de maravilhoso, de inverossímil e, numa palavra, de milagre. E não vejo como se possa viver e sobreviver sem milagre.<sup>35</sup>

O milagre tem, aqui, uma conotação menos religiosa que estética e cognitiva. O acontecimento que se torna tema nas crônicas rodrigueanas carrega um quê de maravilhoso, de encantador, de admirável e de inverossímil. São acontecimentos que escapam da estrutura lógica, das causalidades já estruturadas, das explicações já feitas. Na linguagem kantiana, são dados da sensibilidade que não se encaixam em conceitos fornecidos pelo entendimento. A famosa expressão cunhada por Nelson Rodrigues, já citada neste artigo, “os idiotas da objetividade”, refere-se àqueles que negam a irrupção do maravilhoso no futebol ou, quando muito, fazem uso de chavões e argumentações batidas para supostamente explicá-lo: transformam-no em um fato normal, um fato indiscutível, em algo que não dá muito a pensar. O esforço de “extrair de cada acontecimento o que há, nele, de maravilhoso, de inverossímil” é a tentativa de dar forma a uma ideia estética, de falar sobre o inexplicável, sobre o inefável, a ponto de provocar um sentimento de vida na contemplação da obra criada e, justamente por isso, dar sobrevida a uma obra, preservar sua vivacidade, de “imortalizá-la”.

O interesse de Nelson Rodrigues pelo inexplicável no futebol é tão marcante que ele criou dois personagens para representá-lo: Gravatinha e Sobrenatural de Almeida. A explicação abaixo é feita por Armando Nogueira, no prefácio do livro *O profeta tricolor*:

Um dedinho invisível desviava a bola pela linha de fundo, salvando o gol certo. Milagre do Gravatinha, ditoso personagem que ele criou para explicar as inexplicáveis vitórias do Fluminense. Era o almofadinha. O pó-de-arroz nato e hereditário. O oposto do Sobrenatural de Almeida. Sobrenatural era o vago sinistro. Não torcia especialmente por ninguém. Tramava na pequena área, às vezes contra, às vezes, a favor. Quando o Fluminense perdia, Nelson já sabia: apareceu ali o dedo do Sobrenatural de Almeida.<sup>36</sup>

A existência destes personagens na crônica rodrigueana acusa, por si só, a obsessão do cronista pelo caráter inexplicável do futebol. É importante destacar que este inexplicável, o milagre, o inverossímil, não está num âmbito distante, em algum outro plano, dimensão ou realidade suprassensível. Ele acontece no campo de jogo,

<sup>35</sup> RODRIGUES. *O berro impresso das manchetes*, p. 50

<sup>36</sup> NOGUEIRA. Prefácio, p. 14

sob os olhos de milhares de pessoas, praticamente todo fim de semana. A própria escolha do nome “Sobrenatural de Almeida” quer mostrar exatamente isto: trata-se do extraordinário (“Sobrenatural”) que é familiar, acessível e cotidiano (“de Almeida”), quase como um vizinho, alguém com quem se convive. Em certo sentido, este extraordinário familiar aproxima-se da conjugação entre matéria e forma que Kant enxerga na obra de arte. Uma ideia estética que não cabe em nenhum conceito por seu caráter extraordinário, restando ao artista dar forma à mesma ao produzir sua obra, tornando-a acessível, comunicável, minimamente familiar e fazendo com que esta desperte um encanto, um maravilhamento, sem que nenhuma explicação específica desvende este mistério. Daí a sua capacidade de despertar, sempre de novo, a reflexão, o debate e os comentários sobre ela. Mais uma vez: é esta conjugação entre o inexplicável e a forma dada a ele que sustenta a “imortalidade” da obra de arte. Segundo Nelson Rodrigues, o futebol é um terreno fértil para se extrair esse tipo de acontecimento, capaz de maravilhar, surpreender e encantar. O “esporte bretão”, como ele costumava chamá-lo, guarda um potencial estético ímpar, a ponto de dizer que faltava mais futebol aos teatrólogos brasileiros para que aprendessem o que é um verdadeiro drama.<sup>37</sup>

O potencial estético do futebol também foi destacado por outros autores. O escritor francês Jean-Philippe Toussaint, em seu livro *Football*, faz uma análise do maravilhamento que o futebol causa. Ele associa a beleza do jogo com a pintura e destaca o papel da imaginação na contemplação do futebol: “O futebol, como a pintura para Leonardo da Vinci, é uma *cosa mentale*; ele é apreciado e analisado na imaginação”.<sup>38</sup> No vocabulário do futebol, um gol muito bonito, plástico, é chamado de “pintura”. Já o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, numa crônica em que homenageia Pelé, compara a beleza presente no futebol com uma “escultura que a todo instante se modela e desfaz e refaz, diferente, fluida”.<sup>39</sup> A potência estética do futebol é exaltada aqui a partir da movimentação do corpo do atleta, ou dos atletas, que sempre se refazem de maneira diferente, fluida, imprevisível e surpreendente. Armando Nogueira, em uma crônica para o Jornal do Brasil do dia 15 de Outubro de

<sup>37</sup> CAPRATO; SANTOS. Nelson Rodrigues, leitor e escritor: ‘diálogos’, criatividade e erudição explícita nas crônicas futebolísticas, p. 408.

<sup>38</sup> TOUSSAINT. *Soccer*, p. 2.

<sup>39</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 142.



2003, diz “que o Cruzeiro é um conjunto musical, jogando num andamento *Vivace*. A expressão italiana já diz tudo: *Vivaz*. O time é animado sem ser carnavalesco”.<sup>40</sup> Mais adiante no texto, compara o estilo de duas épocas marcantes da equipe celeste:

O que importa dizer é que o Cruzeiro de Alex é tão harmonioso e elegante quanto era o de Tostão. Pra não sair da linguagem musical, o de Tostão tocava em andamento, digamos, Piano forte, quer dizer: suave e, subitamente, forte. Era fruto das dissimuladas tramas entre Tostão e Dirceu Lopes: ambos trocavam passes ora curtos e incisivos, ora vertiginosos e profundos. Coisas próprias de solistas geniais.

O Cruzeiro de hoje prefere a cadência chamada Prestíssimo. Muito rápido. Tão rápido quanto possível.<sup>41</sup>

O autor enxerga (ou escuta?) no time de futebol uma orquestra, com seus ritmos, tempos e estilos. Vale lembrar, aqui, que quando uma equipe troca passes com maestria, criando suas jogadas de maneira fluida, contundente e encantadora, é comum dizer que o time parece estar jogando “por música”. Já o escritor uruguaio Eduardo Galeano, falando sobre o atacante Arsenio Erico, toca na proximidade entre o futebol e a dança: “E fazia tudo com a elegância de um bailarino. ‘É Nijinski’, observou o escritor francês Paul Morand, quando o viu jogar”.<sup>42</sup>

Mas a analogia do futebol com as belas artes que ganhou mais repercussão foi feita por Paolo Pasolini, cineasta e escritor italiano. No texto publicado em 3 de Janeiro de 1971,<sup>43</sup> no jornal *Il Giorno*, Pasolini defende que o futebol é uma linguagem, com seus fonemas (que ele chama de “podemas” - fonemas escritos com os pés), suas palavras, sua sintaxe e seus discursos. Associando gêneros de escrita com estilos de jogo, diz que a seleção brasileira de 1970 tinha um jogo mais próximo da poesia, enquanto a Itália jogava sobretudo em forma de prosa. Sem fazer um juízo de valor entre uma forma e outra, a principal preocupação de Pasolini era chamar a atenção para o potencial estético do futebol, sua proximidade com a arte da escrita e a capacidade que esse esporte tem de encantar e surpreender através de seus acontecimentos. Para ele, “cada gol é sempre uma invenção, uma subversão do código: cada gol é fatalidade, fulguração, espanto, irreversibilidade”.<sup>44</sup>

<sup>40</sup> NOGUEIRA. As orquestras do Cruzeiro, C4.

<sup>41</sup> NOGUEIRA. As orquestras do Cruzeiro, C4.

<sup>42</sup> GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 79.

<sup>43</sup> Disponível em português em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0603200506.htm>.

<sup>44</sup> PASOLINI. O gol fatal, p. 4.

Todos estes autores, cada um a seu modo, destacam o caráter estético do futebol. E é possível ver nas suas reflexões que o inexplicável tem um papel central na sustentação desse potencial estético. Anna Hartmann, tecendo considerações sobre a poesia do futebol em Nelson Rodrigues, descreve bem este papel no próprio acontecimento do jogo:

No campo, as subidas e descidas dos jogadores formam um desenho que vai se reconfigurando permanentemente e que adquire, pela sua orientação tática, uma certa ordem e regularidade. Nesse desenho dinâmico, como vimos, que obedece a certa regularidade, irrompem subitamente passes, dribles, desarmes, que atualizam virtualidades secretamente contidas no jogo, imprimindo-lhe uma direção surpreendente. Trata-se de situações nas quais o atleta, num átimo, faz o que ninguém espera, inventando espaços lá onde eles pareceriam não existir, insistindo em jogadas que aos olhos de todos não teriam a menor possibilidade de êxito, e, assim, desfaz o ordenamento que imprime ao jogo certa margem de previsibilidade.<sup>45</sup>

Seja no aspecto imaginativo do jogo, na fluidez e reconfiguração dos corpos dos atletas, na variação de andamento no ritmo de jogo do time que “joga por música”, nos movimentos súbitos da dança, na subversão do código da linguagem através do gesto poético de fazer um gol ou na invenção de espaços, é o inexplicável que parece sustentar o potencial estético do futebol. Mas qual é a raiz desta inexplicabilidade? Por que ela parece atravessar o futebol mais do que os outros esportes? Ou ainda: por que o futebol seria um terreno fértil em ideias estéticas?

Dentre as explicações possíveis, uma delas encontra eco nas reflexões já desenvolvidas aqui. Tendo como ponto de partida a etimologia da palavra football, que é a junção dos termos foot (pé) e ball (bola), pode-se dizer que esse esporte abriga uma conjunção muito peculiar de elementos: o pé e a bola. Uma parte do corpo humano associada a um objeto de forma esférica, com textura macia e preenchido de ar. A presença do inexplicável no futebol está enraizada no gesto extraordinário de manusear uma bola com os pés. Trata-se do encontro de um objeto pouco previsível, fugidio, com uma parte do corpo humano que possui, em geral, muito pouca habilidade de “manuseio” das coisas. João Cabral de Melo Neto, em seu poema “O futebol brasileiro evocado da Europa”, diz que a bola é um

---

<sup>45</sup> HARTMANN. O futebol como teatro trágico: uma visão das torcidas a partir de Nelson Rodrigues, p. 101.

“utensílio semivivo” e que é preciso a “usar com malícia e atenção/dando aos pés astúcia de mão”.<sup>46</sup> Por mais que o futebol tenha se tornado, ao longo das décadas, um fenômeno cada vez mais presente, visto e comentado, seu caráter extraordinário parece se sustentar, uma vez que seus fundamentos básicos continuam os mesmos. Ainda se trata de um jogo de bola em que se usa, majoritariamente, os pés. Ou seja, por mais que tenha se alastrado pelo mundo e pelas casas, o futebol continua sendo um acontecimento extraordinário, uma espécie de “mundo às avessas”, no qual se “mete os pés pelas mãos”<sup>47</sup> com êxito e maestria. O domínio de bola feito por Neymar, de letra, depois de uma virada de jogo que cruza o campo inteiro, seguido do suspiro coletivo de um Camp Nou lotado, é um bom exemplo da insistente presença deste caráter extraordinário no futebol.<sup>48</sup>

Carlos Byington diz que o futebol sempre foi, por várias razões, um jogo revolucionário. Uma delas, ele diz, é “por ser jogado com os pés, símbolos do irracional numa cultura que se tornava cada vez mais racionalmente organizada e planejada...”.<sup>49</sup> A ideia aqui é que os pés são parte fundamental do caráter inexplicável do futebol não tanto por uma suposta ligação com o irracional, como afirma Byington, mas sobretudo pelo uso nada convencional que eles adquirem no jogo, ocupando um raro lugar de prestígio, fascínio e encantamento. Isso, claro, na conjugação com o outro elemento fundamental do foot-ball: a bola. Em um dos livros mais contundentes sobre o futebol já escritos, José Miguel Wisnik detecta a peculiaridade deste objeto do jogo e faz uma descrição precisa de seus traços fundamentais:

O poder de irradiação do futebol é impensável sem uma fenomenologia da bola: este objeto distinto de todos os outros – sem quinas, pontas, dorso ou face, igual a si mesmo em todas as direções de sua superfície –, que rola e quica como se animado por uma força interna, projetável e abraçável como nenhum. A bola é redonda – não há como recuar diante da mais rotunda das obviedades.<sup>50</sup>

<sup>46</sup> NETO. *Obra completa*, p. 407.


<sup>47</sup> Aproveito para agradecer aqui a Leonardo Mendonça pelas discussões em torno deste tema, cruciais para o desenvolvimento do artigo.

<sup>48</sup> Vídeo disponível em: <https://youtu.be/BWqDDpGPzeg>.

<sup>49</sup> BYINGTON. *Futebol: a grande paixão do povo brasileiro – um estudo da psicologia simbólica junguiana*, p. 235.

<sup>50</sup> WISNICK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, p. 57.

Tanto o caráter fugidio da bola, “como se animado por uma força interna”, quanto seu aspecto perfeito, “igual a si mesmo em todas as direções de sua superfície”, compõem o que Wisnik chama de uma fenomenologia da bola. Este misto de perfeição e imprevisibilidade, sem nunca se definir como uma coisa ou outra, faz da bola um objeto propício para se extrair ideias estéticas. Uma ideia tão rica que não se enquadra em nenhum conceito, pois fugidia, semi-viva, mas que a todo momento parece se encaixar em algum tipo de perfeição, como se fosse uma forma pronta, acabada, “projetável e abraçável”. Tal potencial estético é alavancado na sua conjugação com uso dos pés, que possuem pouca habilidade de agarrar e controlar objetos, mas que no futebol são usados como se fossem mãos, muitas vezes superando-as em habilidade, delicadeza e força. É justo na combinação destes dois elementos, o pé e a bola, que se enraíza o potencial estético do futebol. O pé-na-bola cria um terreno fértil em ideias estéticas, que Nelson Rodrigues aproveitou substancialmente em suas crônicas esportivas.

Por mais que o autor muitas vezes pareça usar o futebol como pretexto para falar de outras questões, isso não quer dizer que o jogo tenha sido um mero trampolim para dissertar sobre coisas alheias. Pelo contrário, por seu caráter inexplicável, surpreendente e encantador, o futebol é a ignição de diversas reflexões que extrapolam o campo de jogo. No fundo, cada crônica rodrigueana sobre futebol é uma exaltação de seu caráter reflexivo, ou melhor, da capacidade inesgotável que este jogo tem de nos encantar e fazer pensar sobre ele, sobretudo pela sua riqueza estética: “Pergunto:  por que o futebol é tão amado? A meu ver o que nós procuramos nos clássicos e nas peladas é a poesia. [...] As coisas só nos atraem pela sua possibilidade poética”.<sup>51</sup>

A matéria da crônica esportiva rodrigueana é, em última instância, a possibilidade poética do futebol, que foi explicitada aqui a partir da inexplicabilidade fundamental deste jogo. É esta matéria que, inclusive, molda o próprio texto de Nelson. Como afirma Kant, a forma da arte bela é encontrada “depois de muitas tentativas frequentemente laboriosas”,<sup>52</sup> pois sua matéria é de uma riqueza estética tão grande que nenhum conceito ou estrutura consegue

<sup>51</sup> RODRIGUES. Fla-Flu... e as multidões despertaram!, p. 99.

<sup>52</sup> KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 162.

capturá-la por completo. O artista, nesse sentido, é aquele capaz de reinventar as formas de capturar a matéria, criando assim suas próprias regras na confecção da obra. As crônicas de Nelson Rodrigues sobre futebol não podem ser tratadas como um mero apêndice da obra rodrigueana. Elas possuem uma singularidade e potencialidade próprias, pois tem origem nas ideias estéticas presentes no próprio jogo de futebol. Não se trata de um escritor consagrado que decidiu aplicar sua forma de escrita desenvolvida em outras áreas (teatro, romance, crônicas não-futebolísticas) ao assunto futebol. Seria o caso se estivesse em questão uma arte mecânica, que se vale de regras estabelecidas para criar seus produtos. Mas a crônica esportiva de Nelson Rodrigues deve ser tratada como arte bela em toda a sua singularidade. Apesar da influência de outros autores na elaboração de sua forma, a obra bela deve sempre inaugurar novas maneiras de criar por conta da riqueza da matéria estética em questão. Marcelino Rodrigues da Silva, em seu artigo “O mundo do futebol em Nelson Rodrigues”, chega à mesma conclusão, ainda que a partir de outras referências teóricas:

Podemos dizer então que o processo de produção de sentidos operado pelo cronista a partir do futebol não é uma operação automática, em que os mesmos significados são repetidos e reiterados. Ao contrário, é uma operação dinâmica em que novos sentidos, articulados às circunstâncias esportivas e extra-esportivas, são produzidos e colocados em circulação.<sup>53</sup>

Ao invés de uma operação automática, que apenas aplicaria as conquistas estilísticas da sua escrita ao futebol, as crônicas esportivas rodrigueanas partiram de uma nova forma de ver o jogo, em toda sua inexplicabilidade e possibilidade poéticas, para desenvolver uma maneira própria de escrever o futebol. Segundo Kant, somente este tipo de obra, com uma forma bela e uma rica matéria, é capaz de continuar proporcionando encantamento e reflexão além de seu próprio tempo. Por despertar o jogo entre entendimento e imaginação, tendo em vista seu caráter inexplicável e ao mesmo tempo familiar, a obra rodriguiana dedicada ao futebol segue provocando um “sentimento de vida” nas pessoas.

Em uma de suas incansáveis crônicas sobre Garrincha, Nelson descreve este sentimento de vida que o jogador provocava no público com sua “jogada mágica”,

---

<sup>53</sup> SILVA. O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues, p. 111.

perturbando os lugares comuns na cabeça dos espectadores e transformando o jeito de se enxergar o jogo:

O futebol era, nesta terra, um esporte passional, sombrio, cruel. O torcedor já entrava em campo vociferando: “Mata! Esfola!”. Ontem, porém, no Botafogo x Fluminense, sentiu-se uma curiosa reação: Garrincha trazia para o futebol uma alegria inédita. Quando ele apanhava a bola, e dava o seu baile, a multidão ria, simplesmente isso: ria e com uma saúde, uma felicidade sem igual. O jornalista Mário Filho observou, e com razão, que, diante de Garrincha, ninguém era torcedor de A ou de B. O público passava a ver e a sentir apenas a jogada mágica. Era, digamos assim, um deleite puramente estético da torcida.<sup>54</sup>

Todo tipo de operação automática, no que diz respeito ao entendimento do jogo, era quebrada por Garrincha. Ao invés de se torcer contra ou a favor de um time, torcia-se pela “jogada mágica”. O próprio cronista, torcedor do Fluminense e assumidamente parcial em seus textos, revê seus conceitos: “Eu estava lá, como ‘pó-de-arroz’ nato e hereditário, para torcer pela vitória do Fluminense e contra a vitória do Botafogo; súbito começo a exultar também. Diante de cada jogada de Garrincha, eu experimentava a alegria que as obras primas despertam”.<sup>55</sup>

Assim como Garrincha fez o torcedor Nelson Rodrigues rever seus conceitos, o futebol fez com que ele revisse sua escrita. Não no sentido de se corrigir ou melhorar seu estilo, mas de incorporar a própria dinâmica poética do jogo na sua crônica esportiva. É por isso que a “imortalidade” da crônica esportiva de Nelson Rodrigues caminha junto com a “imortalidade” do futebol. Enquanto terreno fértil em ideias estéticas, este jogo feito basicamente com os pés e uma bola, cheio de possibilidades poéticas, potencializa o caráter “imortal” desta parte tão marcante da obra rodrigueana. Tanto pelo caráter perfeito e fugidio da bola quanto pelo uso dos pés como se fossem mãos, muitas vezes numa conjugação inexplicável, o futebol “... dá muito a pensar, sem que contudo qualquer pensamento determinado possa ser-lhe adequado”.<sup>56</sup>

Nelson Rodrigues foi capaz de extrair do jogo toda a sua riqueza estética e transformá-la em crônica esportiva. Ao ler suas crônicas temos a impressão de que o jogo acabou de acontecer, na nossa frente. E um jogo de fato aconteceu, em sentido

<sup>54</sup> RODRIGUES. *O berro impresso das manchetes*, p. 412.

<sup>55</sup> RODRIGUES. *O berro impresso das manchetes*, p. 412.

<sup>56</sup> KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 159.

kantiano: o jogo entre o entendimento e a imaginação, aquilo que se sente ao contemplar uma obra de arte, seja ela o próprio drible do Garrincha ou a crônica sobre ele. A “imortalidade” dos textos rodrigueanos sobre futebol se fundamenta no próprio jogo. Não me parece ser outro o sentido do título de uma de suas colunas: “À sombra das chuteiras imortais”.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. Futebol: a grande paixão do povo brasileiro. Um estudo da psicologia simbólica junguiana. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, SBPA, São Paulo, v. 37, n. 1, 2019, p. 232-237.

CAYGILL, Howard. **Dicionário Kant**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 2000.

CAPRARO, André Mendes; SANTOS, Natasha. Nelson Rodrigues, leitor e escritor: “diálogos”, criatividade e erudição explícita nas crônicas futebolísticas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, USP, São Paulo, v. 28, n. 3, 2014, p. 405-13.

CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CRITCHLEY, Simon. **What We Think about when We Think about Football**. Londres: Profile Books, 2018.

DUARTE, Pedro. Futebol como experiência estética. **Analógos**, Departamento de Filosofia da PUC-Rio, Rio de Janeiro, v. 9, 2009, p. 210-8.

FISCHER, Luís Augusto. **Inteligência com dor**: Nelson Rodrigues ensaísta. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2009.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2011.

HARTMANN, Anna. O futebol como teatro trágico: uma visão das torcidas a partir de Nelson Rodrigues. **Revista Prometeus**, Cátedra Unesco Archai e Viva Vox, v. 9, n. 20, 2016, p. 85-109.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto Dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Coimbra: Fundação Calouste, 2001.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução de Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

- LOPES, Hélio. A imaginação na crítica kantiana dos juízos estéticos. **Artefilosofia**, UFOP, Ouro Preto, v. 1, n. 1, jul. 2006, p. 45-55.
- NETO, João Cabral de Melo. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- NOGUEIRA, Armando. As orquestras do Cruzeiro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 out. 2003, Esportes, p. 4.
- PASOLINI, Pier Paolo. O gol fatal. **Folha de São Paulo**, 6 mar. 2005, Caderno Mais!, p. 4-5. [Trad. de Maurício Santana Dias].
- RISSARDO, Agnes Danielle. **Nelson Rodrigues e a hipérbole do banal**. Tese (Doutorado em Letras), UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.
- RODRIGUES, Nelson. **Fla-Flu... e as multidões despertaram!**. Rio de Janeiro: Europa, 1987.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. **O profeta tricolor: cem anos de Fluminense**. Org. Nelson Rodrigues Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- RODRIGUES, Nelson. **O berro impresso das manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- RODRIGUES, Nelson. **Brasil em campo**. Org. Sônia Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- SANSEVERO, Bernardo. Kant e a figura do gênio: arte e natureza. **Revista Kínesis**. Departamento de Filosofia da Unesp, Marília, v. 4, n. 7, 2012, p. 273-285.
- SILVA, Luciano de Andrade. **Beijo no campo: futebol e literatura a partir de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), UFES, 2009.
- SILVA, Marcelino Rodrigues. O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues. **Revista Em Tese**. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Belo Horizonte, v. 2, 1998, p. 105-113.
- SOUZA, Marcos Pedrosa. Posfácio. In: RODRIGUES, Nelson. **O berro impresso das manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- TOUSSAINT, Jean-Philippe. Soccer. **Translated by Shaun Whiteside**: New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2019.
- VOGEL, Daise Irmgard. **Fábulas do gol: as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues em Manchete Esportiva**. Florianópolis: Insular, 2012.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 15 jul. 2021.  
Aprovado em: 17 nov. 2021.